

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

A FORMAÇÃO DOCENTE E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

Autores: Karla Fernanda Wunder da Silva (PUCRS)¹; Marlene Rozek (PUCRS); Gabriela Severo (PUCRS).

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo apresentar as experiências de profissionais da Educação ao longo de um curso de extensão denominado TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS com uma carga horária de 80 horas. Compreendem-se aqui como experiências, as expectativas, motivações, sentimentos, dilemas e crenças manifestadas no início e ao longo do curso. Da mesma forma, apresentam-se as percepções avaliativas em relação à experiência formativa no final do curso. O curso em questão aconteceu no primeiro semestre do ano de 2016 e foi realizado em uma instituição privada de ensino superior e teve como objetivo capacitar profissionais da área da Educação para o trabalho com alunos que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA), desenvolvendo uma compreensão pedagógica contemplando as dimensões teórico-práticas, na construção de uma proposta educacional adequada para esse grupo específico de alunos. O curso teve quatro módulos de trabalho que envolvia temáticas como: Educação Especial e aspectos da Inclusão Escolar, Transtorno do Espectro Autista – história e definição, Aspectos do cotidiano pedagógico com alunos com TEA, TEA e comorbidades, adaptações curriculares, família e escola e a corporeidade no TEA. O curso foi ministrado por quatro profissionais da Educação, com distintas formações e experiências, embora todos atuando diretamente com crianças com TEA. Participaram do curso, 59 profissionais, a maioria professores da Educação Infantil e Anos Iniciais. A metodologia utilizada neste estudo foi qualitativa, incluindo a aplicação de questionários de avaliação antes e após o curso. Como resultados parciais verificou-se que os participantes avaliaram seu nível de conhecimento, após o fim do curso, como superior ao nível de conhecimento inicial. Nesse sentido, em uma escala de 0 a 10, a média antes do início do curso foi de 5,3; já a média final foi de 8,4. Os participantes, em média, também se perceberam mais seguros para a atuação junto a crianças com TEA ao final do curso, com a média alterando-se de 5,4 para 7,4. Foi realizado, ainda, uma análise qualitativa das falas dos participantes através do questionário respondido, visando descrever as expectativas e motivações iniciais dos participantes em relação ao curso e seus sentimentos, dilemas e crenças manifestadas ao longo do curso. Percebeu-se que a maioria dos professores teve aqui um primeiro contato mais aprofundado sobre a temática e que a possibilidade de realizar trocas com os colegas, ouvir experiências tornou este momento diferenciado e qualificado. A avaliação dos alunos sobre o aproveitamento dos módulos também foi positiva, explicitando que os conteúdos foram esclarecedores, inclusive fazendo correlações com sua prática pedagógica e com a constituição de um novo olhar sobre o sujeito com Transtorno do Espectro Autista. Aparece como primeira questão a busca de formação por desconhecimento e pela grande quantidade de alunos incluídos nas escolas neste momento.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Formação de Professores. Inclusão Escolar

¹ karlaf.silva@acad.pucrs.br

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva é uma temática estudada amplamente na atualidade por educadores e pesquisadores de diversos campos, pois ela incita o profissional a buscar uma maior gama de conhecimentos e referenciais teóricos para conseguir propor uma educação de qualidade e equidade para que os alunos que estão incluídos possam ter realmente sucesso além de apenas obterem direito ao ingresso no ensino regular. Um dos grandes debates mundiais é o aluno que se encontra diagnosticado dentro do Transtorno do Espectro Autista. Como promover uma Educação Inclusiva para um aluno que tem aspectos muito diferentes em sua constituição enquanto sujeito aprendente, que apresenta grandes dificuldades de circulação social e compreensão das demandas sociais? Essa é, sem sombra de dúvida, um dos questionamentos realizados para que se possam idealizar cursos de formação para estes profissionais que atendem diretamente em sala de aula essa tipologia de alunos.

Quando falamos em Transtorno do Espectro Autista (TEA) estamos nos referindo ao sujeito que segundo o DSM-5 apresentam duas características principais importantes: déficits na comunicação social e na interação social em diferentes contextos (critério A) e padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades (critério B), estes sintomas podem se apresentar desde a tenra infância e podem limitar ou prejudicar o desenvolvimento e funcionamento diário do sujeito, variando também conforme suas características individuais e o ambiente em que vive, de acordo com a qualidade do suporte pedagógico que recebe, da atenção e estímulo, influenciando diretamente na manifestação deste transtorno, que pode variar do nível mais leve ao mais intenso de acordo com a realidade de cada um (DSM-5, 2014). Percebemos então que não temos um sujeito, mas sim uma gama de possibilidades de manifestação deste transtorno, o que torna mais complicado e intenso a construção de uma proposta pedagógica que atenda suas necessidades. Sendo assim, não basta conhecer técnicas e métodos de trabalho, mas sim as diferentes características que podem se apresentar e o que cada uma delas influencia no desenvolvimento do aluno, daí, então, se poderá saber como e o que é necessário a cada um.

A inclusão está dada e posta numa ampla legislação que ampara diferentes possibilidades de atuação e conhecê-las é imprescindível para melhor atuar com este alunado. Os sistemas de ensino estão em busca de maneiras pedagógicas que respondam ao acesso e permanência dos alunos com TEA na escola. Há amplas discussões sobre novas formas de organização escolar, numa busca de reconhecimento da diferença como um valor e não como um defeito a ser corrigido. Mas ainda encontramos entraves que dificultam o desenrolar das ações pedagógicas e uma delas é a falta de aprofundamento sobre como pensa, age e aprende o aluno com TEA.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

A formação de professores é uma das primeiras etapas em busca de qualidade para inclusão de alunos com TEA. Quando pensamos em formação de professores pautamos aqui aquela que o professor busca por conta própria, motivado por questões suas, particulares, na busca de dar sentido para suas demandas e anseios com os alunos que lida em seu cotidiano. Assim, é preciso propiciar a reflexão dos professores a respeito dos sujeitos com TEA, deslocando o pensamento de alguém que vive em um mundo próprio, que não interage, não aprende, não se comunica, para um sujeito que é capaz de ser e saber, que é capaz de se comunicar, de interagir. Um aluno que é compreendido em suas necessidades e especificidades, com uma ação pedagógica de qualidade pode se desenvolver muito e de forma constante (GOLDBERG, PINHEIRO E BOSA, 2005).

Propomo-nos aqui a analisar as experiências de profissionais da educação ao longo de um curso de extensão. Compreendemos como experiências, as expectativas, motivações, sentimentos, dilemas e crenças manifestadas no início e ao longo do curso citado anteriormente. Da mesma forma, apresentamos as percepções avaliativas dos professores em relação à experiência formativa no final do curso, sobre o quanto realizaram de aprendizagem e o quanto se sentem seguros com a mesma.

O curso em questão denominado, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS foi ofertado por uma instituição de ensino superior particular, no primeiro semestre do ano de 2016, com carga horária total de 80 horas e teve como objetivo capacitar profissionais da área da Educação para o trabalho com alunos que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA), desenvolvendo uma compreensão pedagógica contemplando as dimensões, teórico- práticas na construção de uma proposta educacional adequada para esse grupo específico de alunos. O curso foi organizado em torno de quatro módulos de trabalho assim apresentados:

Módulo I	Módulo II
Educação Especial e aspectos da Inclusão Escolar	TEA e a Deficiência Intelectual
Transtorno do Espectro Autista- história e definição	Adaptações Curriculares
Aspectos Cotidianos e pedagógicos com alunos com TEA	
Módulo III	Módulo IV
Família e Escola: uma dialética necessária	A corporeidade no TEA
Arteterapia como possibilidade de intervenção	Vivências psicomotoras para o TEA

O curso foi ministrado por quatro profissionais da Educação com distintas formações dentro da educação e da educação especial (Especialização, Mestrado e Doutorado) e experiências amplas na área,

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

embora todos atuando diretamente com crianças com TEA qualificando o cruzamento das informações da teoria com a prática, buscando facilitar a compreensão da temática.

MÉTODO

A metodologia utilizada neste estudo foi qualitativa, incluindo a aplicação de questionários de avaliação antes e após o curso. Participaram do curso 59 profissionais, que receberam um questionário no início e no final do curso para responderem com questões específicas sobre dados pessoais que iam desde sua formação até o campo de atuação, as motivações que levaram a escolha do curso, o nível de conhecimento anterior ao curso, o quanto os conhecimentos adquiridos modificaram a visão do profissional para sua atuação em sala de aula, avaliação da experiência ao final do curso e o quanto se sentia seguro para atuar com alunos com TEA a partir da formação em questão.

Para a análise das motivações iniciais que levaram os professores a participarem do curso e a avaliação da experiência do curso usamos os princípios da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016).

Para uma identificação da população que fez parte deste curso de formação utilizamos de dados quantitativos, que servem apenas para que se conheça um pouco da constituição deste grupo que buscou formação pedagógica na área de TEA. A maioria dos inscritos no curso eram professores (45), contudo havia também coordenadores, estudantes, orientadores e psicopedagogos. Destes, a maioria deles, 16 eram professores do ensino fundamental séries iniciais e 11, da educação infantil; 16 professores atuavam em mais de uma modalidade e os outros participantes atuavam em séries finais, EJA e Graduação. Ao questionarmos a escolaridade dos participantes percebeu-se que 37 deles já possuíam algum tipo de pós-graduação lato sensu; 09 possuíam curso superior completo, 07 com superior incompleto e 07 com mestrado ou doutorado. Desta gama de professores, 50 deles já haviam tido contado em algum momento com alunos com deficiência em suas funções de docência.

Em relação ao nível de conhecimento que os participantes tinham sobre a temática, verificou-se que os mesmos avaliaram seu nível de conhecimento após o fim do curso como superior ao nível de conhecimento inicial. Nesse sentido, em uma escala de 0 a 10, a média antes do início do curso foi de 5,3; e a média final foi de 8,4. Os participantes, em média, também se perceberam mais seguros para a atuação junto a crianças com TEA ao final do curso do que no início, com a média alterando-se de 5,4 para 7,4.

Foi realizado, ainda, uma análise qualitativa das falas dos participantes através do questionário respondido, visando descrever as expectativas e motivações iniciais dos participantes em relação ao curso e seus sentimentos, dilemas e crenças manifestadas ao longo do curso. Percebeu-se que a maioria dos professores teve aqui um primeiro contato mais aprofundado sobre a temática e que a possibilidade de realizar trocas com os colegas, ouvir experiências tornou este momento diferenciado e qualificado. A

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

avaliação dos alunos sobre o aproveitamento dos módulos também foi positiva, explicitando que os conteúdos foram esclarecedores, inclusive fazendo correlações com suas práticas pedagógicas e com a constituição de um novo olhar sobre o sujeito com Transtorno do Espectro Autista.

Diversas foram as motivações iniciais que levaram os professores a buscarem esta formação, passando pela necessidade de um aprofundamento pela temática, a alunos já existentes nas escolas e sem a orientação adequada em seus processos de aprendizagem, bem como concepções diferenciadas a respeito da própria patologia e o que a mesma acarreta para o sujeito. Percebemos uma mistura de paradigmas oscilando na concepção dos professores, que ora elenca o conhecimento do professor como importante, ora aponta o conhecimento médico essencial para as respostas educativas.

Pontuamos que a formação inicia muito antes da matrícula do professor em um curso de extensão como o analisado aqui, mas sim nas possibilidades reflexivas que este profissional tem a respeito de sua prática pedagógica e a busca por uma identidade pessoal como professor carregada de sentidos e subjetividades que transformam a prática pedagógica reflexo de suas concepções (NÓVOA, 1992).

No momento em que foram inquiridos a respeito das motivações que levaram a procura de um curso de extensão na área do Transtorno do Espectro Autista, duas motivações despontaram das outras elencadas. A maioria das respostas, como primeiro plano, foi a necessidade urgente de aperfeiçoamento profissional frente às novas demandas que a educação apresenta, ou seja, as demandas inclusivas. Demandas estas que marcam a necessidade de que o professor olhe para além da patologia, olhe para as possibilidades de aprendizagem, pense estratégias e construa alternativas para efetuar os avanços pedagógicos. Corroborando com essa visão, Coelho afirma que:

A inclusão educacional de pessoas com deficiência, já há algum tempo, passou a exigir a formação de profissionais da educação que sejam habilitados no desenvolvimento de ações relacionadas ao atendimento às diversidades do processo de aprendizagem, em um desafio constante às formas tradicionais de organização do trabalho pedagógico. (2012, p.111)

As exigências educacionais e legais demandam acesso às escolas para os alunos com TEA, mas a escola precisa muito mais do que só ofertar o acesso, precisa dar permanência e essa ação passa pela formação dos professores para trabalhar com a diversidade do TEA e sua variada forma de expressão (BEYER, 2005). A busca em uma formação não pode ser só de técnicas e métodos, mas antes de tudo, deve se direcionar para a compreensão do sujeito e sua ação frente ao outro, as escolas e seus desafios, as exigências de aprendizagem. Tudo isso reforça a motivação apontada pelos professores como exemplificamos abaixo a respeito do motivo de buscar formação nesta área:

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

*"Agregar conhecimentos específicos do TEA à minha formação, possuindo mais suporte para trabalhar com esses alunos"*²

"Aprofundar os conhecimentos sobre autismo, principalmente quanto à prática em sala de aula com essas crianças, articulando com referenciais teóricos".

"Interesse e necessidade de poder fazer diferente e poder tornar melhor o período em que o aluno está na escola".

"Buscando explicações a algumas problemáticas e encontrar um norte para meu trabalho junto a instituição".

"Também para aprimorar a minha prática em função do trabalho de inclusão que participo na escola atual em que trabalho".

A formação de professores para Educação Inclusiva pressupõe que a mesma seja crítico- reflexiva (ROZEK, 2012), estimulando para que os professores desenvolvam um pensamento autônomo, que busquem soluções, que reflitam sobre o processo de construção de saber do aluno, compreendendo como o mesmo realiza suas elaborações mentais e cognitivas. Esse tipo de proposta implica sem sombra de dúvida um comprometimento pessoal do professor, de responsabilizar-se com um estudo sistemático e de revisão de conceitos constante, fazendo ligações entre teoria e prática, qualificando suas ações.

Outro aspecto importante que aparece como motivador na busca de formação foi a já existência desses alunos nas turmas em que atuam esses professores. A necessidade de formação aqui se mostra mais específica, já que os profissionais não buscam informações gerais, mas sim, informações que respondam as demandas existentes com alunos que já foram acolhidos no sistema, que já se encontram na escola, que já fazem parte de uma turma e que mesmo com uma caminhada de inclusão ainda causam estranhamento e ansiedade por parte dos professores.

"Quero poder fazer diferença na vida dos meus alunos, poder fazer as intervenções corretas"

"Sentir um maior preparo (segurança) para atuar junto dos alunos autistas"

"Quero aprender a entendê-los melhor para saber como ajudá-los a aprender mais, digo a forma como aprendem o que lhes desperta interesse, enfim, qual a melhor maneira de tornar significativa a vinda desses estudantes para a escola regular."

"Formas de trabalhar para receber os estudantes cada vez mais frequentes na escola regular."

A motivação destes professores por formação é o aluno real, aquele que já faz parte do seu cotidiano e que lhe causa o sentimento de impotência, de "não saber", que precisa de solução. Há uma busca não pela solução das supostas ou possíveis limitações, e sim por "recursos produtivos" que esses alunos possam

2 As falas dos participantes estão transcritas em itálico e fonte tamanho 11

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

construir mediados pela ação do professor para estabelecerem suas possibilidades de aprendizagem e “produções de sentido” (REY, 2011).

Outras categorias apareceram na fala dos professores sem tanta repetição quanto às duas explicitadas, mas cabe citar, como por exemplo: a possibilidade de trocar experiências com outros profissionais que tenham outras vivências na área; o direito à inclusão e a partir deste direito, a eminência de um ensino de qualidade e que dê conta das necessidades individuais dos alunos; a existência na família de um membro (filho ou sobrinho) com diagnóstico de TEA e a possibilidade de auxiliar também com o manejo em casa.

Essas motivações iniciais responderam ao objetivo inicial dos professores do curso que era propiciar que os professores desenvolvessem uma postura investigativa a respeito do TEA. Não era a ideia oferecer metodologias e técnicas, mas entender como pensa este sujeito, o que pode lhe mobilizar, como podem ser construídas ações de qualidade para este aluno. A aprendizagem também do professor se dá:

Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também, pelo significado de cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes (PIMENTA, 2009, p.19).

Em relação à avaliação da experiência do curso, foi extremamente positivo segundo a visão dos professores, como se pode ver abaixo:

“Penso que o curso serviu para acrescentar referências e informações dentro do tema proposto.”

“O curso no aspecto teórico e explicativo do tema, foi muito bom”.

“O curso me deu muitas ideias novas, muitas teorias que vão me ajudar na minha vida profissional”.

“Achei necessária a apresentação teórica inicial embasando a parte mais prática posteriormente”

“Este curso fugiu do padrão, o que eu gosto muito, pois assim temos mais trocas e também podemos expor as nossas experiências e fazer uma breve avaliação se estamos agindo de forma mais adequada”.

“Consegui compreender e significar situações que eram diferentes, singulares e que desconhecia como seria a melhor forma de lidar”.

Na avaliação geral do grande grupo, apareceram constantemente as seguintes palavras para qualificar a experiência vivida nos meses de formação: bom, elucidativo, proveitoso, produtivo, ótimo, esclarecedor, inovador, gratificante. Nas palavras dos próprios participantes:

“O curso foi produtivo. Trouxe bastante aprendizado, construiu novas realidades”.

“Foi muito bom! Propiciou a experiência de mais conhecimento, informação e inspiração. Foram momentos de muitas aprendizagens significativas e muito organizado”.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

“O curso contribuiu de forma significativa para minha formação, pois os professores trouxeram além da teoria/fundamentação (que eu poderia acessar em bibliografia) a prática, a experiência, o conhecimento, o relato de vivências”.

“Muitos relatos pude levar para minha prática e para motivar a saber mais e buscar formas de melhorar minha prática pedagógica.”

Uma das propostas dessa formação foi a relação teoria e prática, para que a reflexão das características do sujeito com TEA pudesse ser pensada de diferentes perspectivas. Desta forma, a fala dos professores aponta este aspecto como atingido já que refletem que as questões teóricas trabalhadas fazem significação nas práticas realizadas por cada um no seu cotidiano. Corroborando Rozek afirma que:

Teorizar e praticar, saber e agir conjugam-se na formação de maneira indissociável, inseparável à teoria das práticas, às habilidades operativas das concepções teóricas e da ética, na perspectiva dos interesses humanos em emancipação, consensualmente definidos (2012, p. 14)

A referida autora continua discutindo a formação de professores afirmando que a mesma precisa contemplar uma prática reflexiva, onde “prática é definida como o lugar de produção de consciência crítica e da ação qualificada.” (ROZEK, 2012, p. 15).

Na avaliação, outro aspecto levantado por alguns participantes, foi a vontade de que nesta formação estivessem presentes profissionais da área da saúde. Na fala dos próprios participantes como mostramos como segue:

“Seria interessante acrescentar uma fonoaudióloga, uma psicóloga e uma neurocientista para trazer outras visões do TEA”.

“Sugiro que a coordenação possa incluir outros profissionais, também da área da saúde como fonoaudiólogo, fisioterapeuta, que tragam elementos e informações teóricas sobre o TEA”.

É importante salientar quando se trata de alunos com algum tipo de deficiência, o quanto ainda, a concepção da educação parece encontrar-se pautada em um paradigma clínico-médico. Neste paradigma, as características clínicas ou médicas sobre o sujeito, em detrimento das questões e olhares pedagógicos (BEYER, 2005). Parece haver ainda por parte de alguns professores a ideia de um “saber” diferente, que sustenta a educação, que autoriza que o professor possa atuar de uma ou outra maneira. Parece que o saber do professor não é o suficiente para construir estratégias pedagógicas para os alunos com TEA. Esse posicionamento lembra a tão antiga opinião de que a pedagogia era impotente frente à hegemonia da área médica. (BLEIDICK, 1981 apud BEYER). Imagina-se que este é um paradigma que já não existe mais, mas mostra-se aqui que ainda mesmo que camuflado, ele é muito presente no imaginário dos professores que não tem formação na área da educação especial.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

A proposta do curso era tratar sobre os aspectos pedagógicos do TEA, ou seja, intervenções realizadas pelo (a) professor (a) em sala de aula. E este seria o diferencial do mesmo, uma relação o tempo todo da teoria com a prática, com ações pedagógicas possíveis de serem realizadas na escola. Ação esta muito bem exemplificada por um dos participantes:

“Já participei de muitos cursos sobre o tema, mas todos com falas de médicos ou outros especialistas. O que me agradou nesse curso foi ter a fala de educadores, ou seja, colegas de profissão, com vivências práticas do nosso dia-a-dia de sala de aula. Dessa forma, consegui responder dúvidas reais e não apenas relatos da parte diagnóstica.”

CONCLUSÃO

Os cursos de qualificação de professores para atuarem com alunos com Transtorno do Espectro Autista são extremamente relevantes para a qualificação do processo de inclusão escolar. Contudo, percebemos que a busca por formação é motivada por diversos aspectos, diferentes para cada pessoa, e da mesma forma, a visão de cada profissional do curso oferecido acontece também muito vinculado as suas questões pessoais e formativas.

Percebemos que há um desconhecimento sobre quem é o aluno com TEA, suas necessidades e possibilidades. Ainda há uma ideia central de que todos os alunos com TEA são iguais, que apresentam as mesmas características e necessidades. O curso de formação precisa romper com esta lógica, favorecendo a reflexão do professor sobre o aluno real, e não o imaginário. Pautando que cada sujeito é um em suas características, possibilidades e necessidades mesmo que tenham a mesma patologia. E, sendo assim, não há “receita de bolo”, não há técnicas únicas, materiais padronizados, ou só uma ação pedagógica que dê conta de tão variável transtorno. Mesmo numa era de inclusão escolar, onde o empoderamento do professor se faz necessário para dar conta da diversidade escolar que se apresenta no cotidiano, o conhecimento médico para alguns, ainda é visto como mais importante, ou norteador para a realização das práticas escolares.

Este trabalho permitiu uma análise mais aprofundada do que se faz necessário para qualificar realmente um curso de extensão sobre TEA, que busca pautar práticas pedagógicas de qualidade, flexíveis, que respondam as necessidades dos alunos e que levem em conta as expectativas dos participantes.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad: Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na Escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

COELHO, Cristina M. Madeira. Formação docente e sentidos da docência: p sujeito que ensina, aprende. IN: SCOZ, Beatriz Judith Lima; MARTINEZ, Albertina Mitjans. **Ensino e Aprendizagem – a Subjetividade Em Foco**. Editora Liber livro, 2012.

Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - **DSM-5**. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Trad. Maria Inês Córrea Nascimento... et al.; - 5.ed.- Porto Alegre: Artmed, 2014.

GOLDBERG, K; PINHEIRO, L; BOSA, C. A. **A opção de professor pela área da educação especial e sua visão acerca do processo inclusivo**. Revista Perspectiva, n. 29, p. 59-68. Florianópolis/SC. 2005.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Don Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 7 edição. São Paulo: Cortez, 2009.

REY, Fernando L. González. Os aspectos Subjetivos no Desenvolvimento de Crianças com Necessidades Especiais: além dos limites concretos do defeito. In: MARTINEZ, Albertina Mitjans; TACCA, Maria Carmen Vilella Rosa. **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. P. 47-70.

ROZEK, Marlene. A formação Docente: tensões e possibilidades. In: ROZEK, M; VIEGAS, L.T. Educação Inclusiva. Políticas, Pesquisa e Formação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. P. 13 – 35.

ROZEK, Marlene. Formação de professores na perspectiva da educação inclusiva: análise e perspectivas. In: **XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, 2012, Campinas – SP. Anais. Campinas – SP, 2012. v. 1. p. 01-12.